

Resenha sobre o livro “Morfologia e Sintaxe do Ngangela” de Zavoni Ntondo (2006)

Daniel Peres Sassuco*

ORCID iD [0000-0003-0965-0483](https://orcid.org/0000-0003-0965-0483)

Zavoni Ntondo, autor do livro em resenha, é Professor Catedrático em Linguística. Docente do Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda (ISCED). Autor de várias publicações coletivas e individuais das quais “Morfologia e Sintaxe do Ngangela” da Nzila Editorial em 2006, aliás, obra que mereceu o Prêmio Maboque em 2007, é objeto de nossa resenha.

O estudo interessa-nos por dois fundamentais motivos: - o fato de não haver alguma reedição não só para atualizar os conteúdos mas, sobretudo, pelo seu desaparecimento quase completo na circulação desse monstro, até então, servindo de “escrita sagrada” nos estudos das línguas da zona K, - o fato de representar um modelo escrupuloso das línguas da zona k, em Angola, compõe-se pelas línguas Cokwe, Ngangela Lunda Ndembo, Ulunda, Luvale, Mbunda, Lucaji, Lwimbi, Minungu que se encontram nas regiões administrativas onde não existe nenhuma instituição acadêmica superior vocacionada aos estudos de Línguas e Literaturas ou Línguas e Culturas (civilizações). As razões acima, juntadas à condição do autor da resenha como investigador das Línguas da zona k, motivaram a intenção de apresentar esta resenha no sentido de reviver a valiosa descrição.

O presente texto visa fazer abordagem voltada ao tema epigrafado. Para o uso da palavra, propusemo-nos a delimitar-nos dentro dessa obra em função das ambições e caráter do estudo. No entanto, à semelhança do que ocorre com diversas discussões, esta não fugirá à regra. Pois, encontrar-se-á contributos virados aos processos morfológicos e sintáticos do Ngangela enquanto língua pertencente ao grupo de línguas, cuja genealogia é o proto-bantu, e falada em Angola.

Ngangela, enquanto língua autônoma, apresenta suas especificidades fiáveis ao itinerário linguístico e, sobretudo, por fazer parte da classificação da zona K, localizada no

* Doutor em Linguística. Estudou na Universidad Autonoma de Barcelona (UAB): Barcelona , Catalunha e no Institut Superior Pedagogique de Lubumbashi (ISP), República Democrática do Congo, atualmente é Professor da Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto-Angola. Email: dperesasuku@gmail.com

espaço compreendido entre Kuvangu, Ndjamba, (província da Wila), Kuxi, Indungu e a cidade de Vúnonge (província do Kwandu Kuvangu). Isso, com base nos estudos anteriores efetuadas por Guthrie, 1948; Redinha, 1972; Yambo, 1997. De acordo com esses autores, os *lucaze*, *mbunda*, *nyemba* e *mbwela* aceitam a designação vangangela, afirmação que pressupõe a integração destes grupos ao núcleo étnico e linguístico Vangangela.

Ancorado no rigor de sua argumentação, o livro traz os elementos da descrição morfológica e sintática, enfatizando o seu combinado uso, vulgo, morfossintático, bem como o funcionamento das classes substantivais e sua dinâmica nas classes de palavras quer variáveis (substantivo, pronomes, verbo), quer invariáveis (advérbio e conjunções). A sintaxe surge, para além da frase e suas estratificações (simples e complexa), as funções sintáticas do substantivo e do verbo, bem como o objeto pronominalizado e as vozes verbais em Ngangela, como descrição profunda.

Agora, vamos para os detalhes do autor nesta obra.

O autor reparte o livro em duas: a primeira, Morfologia do Ngangela, dedica-se ao estudo dos elementos que constituem a palavra, é o epicentro dos morfemas que, por sinal, são as unidades mínimas (Creissel, 1995). Esta disciplina não funciona de forma autônoma, porém, ligada à sintaxe, morfossintaxe, lexicologia e morfossemântica. No entanto, optou-se por tratar desses fenômenos de forma separada, pois, descrever uma língua requer reconhecer os aspectos elementares, os quais podem merecer tratamento que permita conhecer os morfemas, para encarar, mais adiante, o estudo do seu funcionamento. Essa parte do estudo começa por apresentar o substantivo, detalhando, inicialmente, os prefixos substantivais ou prefixos nominais.

Os substantivos são os constituintes ou fragmentos de constituinte nominal formado por um lexema substantival e eventuais elementos gramaticais ligados ao lexema substantival de maneira que permite considerar que eles constituem com eles uma palavra única (Creissels, 1995). Na perspectiva de análise em bantu, ela elimina igualmente toda a confusão entre o substantivo e constituinte nominal. Contudo, o substantivo é um todo constituído por uma base substantival, que designamos por lexema, ao qual se associam os morfemas. É este todo formado, que funciona num enunciado, correspondente à definição proposta do que constituinte nominal. Os

morfemas que se associam à base substantival ou lexema para constituir o substantivo não têm existência sintática fora da adjunção à base onde jogam o papel de classificador.

Em Ngangela, os substantivos dividem-se em dois grupos: os que levam de maneira explícita esses morfemas e os que se caracterizam pela ausência (pelo menos aparente) de morfemas. Em todas as línguas bantu, esses morfemas funcionam num sistema de flexão. Este sistema não se manifesta através da comutação para a totalidade de substantivos, pois alguns funcionam apenas numa só classe. Por um lado, os substantivos sem morfema prefixal aparente pertencem a uma classe bem determinada e estão todos ligados a designações de parentesco. Por outro lado, considerado a posição que esses morfemas ocupam na sua associação ao lexema substantival, são designados por prefixos substantivais.

Para a compreensão do que o autor descreveu mais acima, apresenta-se, abaixo, os devidos prefixos em uso em Ngangela. De realçar que os prefixos nominais asseguram a verdadeira gramática, em geral, em qualquer língua Bantu e aqui em particular, em Ngangela.

Quadro 1: Os prefixos substantivais em Ngangela

Classes	Prefixos	Exemplos	Significado
1	mu-	mu-thu, mu-lime	Pessoa, agricultor
1 ^a	∅-	∅-noko, ∅-sukulu	Sua mãe, avó
2	va-	va-thu, va-lime	Pessoas, agricultores
3	mu-	mu-ti, mu-lomo	Árvore, boca
4	mi-	mi-ti, mi-lomo	Árvores, bocas
5	li-	li-tangwa	Dia
5 ^a	∅	∅-pánga	Amigo
6	ma-	Ma-tangwa	Dias
7	ci-	ci-paka	Gatuno
8	vi-	vi-paka	Gatunos
9	í-, ∅	i-mbunda, ∅-njanla	Anca, fome
10	zi-	zi-mbunda	Ancas
11	lu-	Lu-tuvu	Colher
12	ka-	Ka-lu-tuvu	Colherzinha
13	tu-	Tu-lu-tuvu	Colheres
14	vu-	Vu-líili	Cama
15	ku-	Ku- nwa	Beber

16	ha-	ha-antsi	No chão
17	ku-	Ku-mahya	Nos campos
18	mu-	Mwimbu	Na aldeia

Fonte: Ntondo (2006: 34)

Para dar consistência ao entendimento do quadro acima e para que se considere o significado de cada substantivo, Zavoni apresenta uma explicação semântica de agrupamento dos prefixos nominais como se segue abaixo.

O prefixo da classe 1 (mu-) associa-se ao prefixo da classe 2 (va-) para formar plural; por sua vez, o seu valor semântico dirige-se aos lexemas que designam pessoas e seus ofícios. Outrossim, o prefixo da classe 1^a é caracterizado pela ausência de morfema positivo. Desta forma, marca-se pelo morfema \emptyset - para representar a classe em referência. Este prefixo associa-se aos lexemas que designam nomes de parentesco tal como se verifica na tabela acima.

O prefixo da classe 3 (mu-) forma o plural com o prefixo da classe 4 (mi-). Portanto, o prefixo da classe 3 associa-se aos lexemas que designam diversas realidades, entre outras, vegetais, animais, naturais, partes do corpo e objecto, tal como se verifica na tabela acima.

O prefixo da classe 5 (li-) forma o plural com o prefixo da classe 6 (ma-). O prefixo da classe 5 associa-se aos lexemas que designam diversas realidades humanas, vegetais, naturais, animais (de pequenas espécies). Por outro lado, o prefixo da classe 6 associa-se também a alguns lexemas, não para assinalar o plural, porém para exprimir noções e realidades não quantificáveis, não contáveis, obtidos como monoclasses.

O prefixo da classe 7 (ci-) forma o plural com o prefixo da classe 8 (vi-). Associa-se a diversas realidades. No caso da classe 7, às vezes, usa-se para exprimir realidades pejorativas. Ex.: *cingáanga* “feiticeiro”.

O prefixo da classe 9 (i-, \emptyset -) merece um tratamento particular por possuir uma variante secundária \emptyset -. Geralmente são lexemas que não apresentam prefixos aparentes e, sobretudo, funciona com os lexemas com a inicial nasal (N) ou (MP, MB). Pode funcionar também com os lexemas iniciais consonânticos surdos. Ex.: *mbandu* “ferida”, *mphembe* “cabra”, *ngonde* “lua”, *sóonde* “sangue”, *hwéeto* “pagamento”,

O Prefixo da classe 10 (zi-) forma o plural dos nominais de classe 9 (i- Ø-). Ex.: *zimphembe* “cabras”. Todavia, pode associar-se aos lexemas para formar substantivos expressando uma noção não tendo o singular.

O prefixo da classe 11 (lu-) associa-se a um número restrito de lexemas expressando diversas noções semânticas. Ex.: *lwózi* “luta”, *lutuvu* “colher”. Por sua vez, é utilizado com o prefixo da classe 12 (ka-) para formar o diminutivo. Os substantivos desta classe formam o plural pelo processo de adição prefixal, o que indica que este prefixo tende a lexicalizar-se, formando assim com o lexema um corpo.

O prefixo da classe 13 (tu-) forma o plural nominal da classe 12. Todavia associa-se aos lexemas desprovidos de singular.

O prefixo da classe 14 (vu-) usa-se para designar realidades diversas. Contudo, associa-se aos lexemas para formar substantivos, funcionando apenas no singular; por outro lado, em alguns substantivos, usa-se no quadro da derivação prefixal para exprimir um valor abstracto. Ex.: *Vupanga* “amizade”, *vupaka* “roubo”.

Repare-se que os exemplos mencionados especificam a derivação por adição, pois os lexemas em questão, antes de apresentarem o valor semântico que têm em função da comutação dos prefixos, eles possuíam outra natureza. Veja-se: Ø- *panga*, “amigo”, *cipaka* “gatuno.”

O prefixo da classe 15 (ku-) associa-se apenas aos lexemas verbais. Ex.: *Kulánda* “comprar”, *Kulya* “comer.”

Os prefixos 16 (ha-), 17 (ku-) e 18 (mu-) têm particularidades próprias por assumirem funções de locativos, ou seja, quando pré-postos aos lexemas substantivais indicam lugar, marcando quer superfície, quer direção, quer interioridade, respectivamente. Ex.: Háantsi “sobre o chão”, kumahya “às lavras”, munjivo “dentro de casa”. Compreenda-se que os prefixos da classe 1, 3 e 18 têm semelhança gráfica (mu-). Porém apresentam acordos diferentes tanto quanto o significado.

Ntondo leva-nos aos lexemas substantivais, em Ngangela, sabendo que podem ser simples ou derivativos (complexos). Dentro destes lexemas podemos encontrar os monossilábicos, dissilábico, trissilábicos, tetrassilábicos ou polissilábicos, distinguindo os lexemas simples monoclasses que apresentam duas estruturas: +CV, Ex.: -*ti* “árvore”, -*me* “orvalho” e +CSV, ex.: -*hya* “lavra”, -*nwe* “dedo”, etc. - Os simples dissilábicos são numericamente os mais importantes e comportam as mais variadas estruturas silábicas: -

VCV-, -ézi “barba”, -ondo “costas”. -CVCV, -pika “escravo”, -húnga “pena”. -CSVCV, -selwa “nuvem”; - os trissilábicos: CVCVCV, -tekúlu “neto”, CVCVVCV, -nkokwéela “cotovelo”; os tetrassilábicos: CVCVCVCV, -kisikisi “monstro”, CVCVCVVCV, -sekeléela “areia”.

Passou de seguida pela classe de pronome que, na sua óptica de Creissels (1995) esse termo “pronome” é dado “às formas ocupando posições sintácticas de constituintes nominais e que se distinguem de outros nominais pela possibilidade que eles oferecem de representar minimamente um referente presente em situação de enunciado – a noção de presente em situação de enunciado inclui, simultaneamente, a presença física e a presença de uma menção prévia no texto”.

A nossa vista, esta definição não permite considerar as unidades que estabelecem uma relação sintática de determinação como pronomes. Com efeito, é pronome toda a unidade que num enunciado pode ocupar o lugar de um substantivo, pois o substantivo em bantu corresponde a um constituinte nominal, cujo papel é de recordar este substantivo que pode estar presente.

O Ngangela tem unidades que podem responder às condições expostas nesta definição e responder ao estatuto de pronome. Para o efeito, distingue-se três paradigmas de pronomes: - pronomes pessoais, susceptíveis às pessoas humanas; - pronomes não pessoais e pronomes enfáticos.

Quadro 2. Os pronomes pessoais rectos

Ange	Eu
Ove	Tu
Endi	Ele/ela
Étu	Nós
Eni	Vós
Avo	Eles/Elas

Fonte: Ntondo (2006: 76)

Pronomes não pessoais

Estes pronomes servem de substituto aos substantivos pertencentes a todas as classes, exceto aos da classe 1 e 2.

Quadro 3. Pronomes não pessoais

Classes	Prefixos substantivais	Pronomes não pessoais
3	mu-	Awo
4	mi-	Ayo
5	li-	Alyo
6	ma-	Ao
7	ci-	Aco
8	vi-	Avyo
9	i-, Ø-	Ayo
10	zi-	Azo
11	lu-	Alwo
12	ka-	Ako
13	tu-	Atwo
14	vu-	Avwo

Fonte: Ntondo (2006: 77)

Pronomes enfáticos

Os pronomes pessoais e não pessoais podem transformar-se em pronomes enfáticos, quando precedidos de “y-”. Assim, o Ngangela tem os seguintes pronomes enfáticos: *Yánge, yóove, yéetu, yéeni, yéendi, yáavo, yáawo, yáayo, yáalyo, yáao, yáaco. Yáavyo, yáayo, yáayo, yáazo, yáalwo, yáako, yáatwo, yáavwo.*

Ex.: Ise, **yéendi**, wátsihya kanike “O pai, ele mesmo, matou a criança”.

A outra classe não menos importante é a do verbo. Nas línguas bantu, o verbo distingue-se do substantivo e dos seus acompanhantes por uma flexão particular de que estes são providos. O radical verbal é compatível com todas as classes. O morfema chamado índice de sujeito, ou inicial (prefixo verbal) é controlado pelo substantivo, de que depende, em função de sujeito, o qual pertence a uma classe determinada. Contudo, Ntondo distingue, nas formas verbais, as formas simples e as formas compostas. Todavia, examina-se, na primeira instância, a estrutura dos verbos simples, depois os verbos compostos: - As formas verbais simples dividem-se em dois grupos: as formas predicativas simples e as formas verbais não predicativas.

Algumas posições não são sempre ocupadas e outras são-no obrigatoriamente. Com efeito, uma forma verbal comporta obrigatoriamente um radical que pode ser simples

ou complexo e uma final. As primeiras apresentam uma estrutura interna composta de uma sequência de nove importantes morfemas (obrigatórios e facultativos) cuja ordem de princípio ao fim é: (1) *Pré-inicial*: **kalále** “não dorme”, **kotukwame** “não trabalhamos”. (para a negação da acção expressa pelo verbo). (2) *Inicial ou índice de sujeito*: apresenta várias formas: participante, recto, as classes. Podendo, de facto, ser presente ou ausente em alguns tempos. (3) *Formativo*: apresenta as seguintes formas: - Simples: - Ø-, -ku-, -na-, -a-, -ka; - Complexos: -eku-, -naka-, -aka-. (4) *Marcador da voz*: tem a forma de -li- é para marcar a voz verbal reflexiva, recíproca e média. Ex.: Kanike walihimphula cindele. “a criança transformou-se num branco” (5) *Índice de objecto*: para os objectos pronominalizados. Ex.: Ndjikusoneka. “Escrevo-te”. (6) *Radical*: lexema central que assegura a primeira significação do verbo. (7) *Extensão*: são variadíssimas e com diferentes sentidos que modificam o entendimento do verbo. Ex.: Twatombekela (-el-: aplicativo, plantar para alguém), Kulandesa (-es-: causativo, vender, contrário de comprar). Os morfemas principais são -il- e -is-. Nos dois casos houve harmonia vocálica para realizar -el- ou -es-, essas são alomorfes. (8) *Final*: em Ngangela a vogal final frequente é -a, que pode aparecer para a forma negativa ou positiva, dá lugar a seguintes variantes: -e, -ile, -ø. Ex.: Namáne “acabou”, Kovahángele kusipa. “não quiseram fumar”, Tunali “acabamos de comer”. (9) *Pós-final*: existem dois: Ex.: Handekeni “falais” (pronome pessoal alocutivo plural no imperativo), Mulombeni “pede-lhe, vós” (índice sufixado).

Na segunda parte, a sintaxe do Ngangela, o autor detém-se, com perícia, no exame do posicionamento sintático do substantivo, abrindo a possibilidade de estudo das frases simples e complexas. Assim, o substantivo é uma unidade apta para assumir uma função sintática numa frase, por isso é um constituinte nominal.

Nesta sequência de ideias, temos: -*Frase simples*: formada por um conjunto de palavras centradas à volta de um núcleo predicativo. A construção das frases assertivas simples em Ngangela obedece a uma ordem fixa: SVO. Ex.: Kanike unakulya makonde. “A criança está a comer as bananas”. O autor concilia o estudo das frases com a determinação das funções sintáticas como a seguir se demonstra: (1) *Sujeito*: Vanike vaya kundóonga. “As crianças foram ao rio”. Em Ngangela, como em muitas línguas bantu, o sujeito é reconhecido pela posição pré-verbal na frase, salvo na construção impessoal passiva. (2) *Objeto Direto*: Ex.: - Ndjisonekela múkanda “Escrevo a carta”, -

Objeto Indireto: Ex.: Ise nahane makonde kuli vanike. “O pai deu bananas às crianças”.

(3) Objectos pronominalizados: Ex.: Makisikisi vasiká zingoma. “Os monstros bateram os batuques”, Makisikisi vasikela zingoma vanike. “Os monstros batucaram para as crianças”, ---> Makisikisi vavasikelazo. “Os monstros batucaram-no-las”.

Ntondo observa que objecto, em Ngangela, pode ser representado por um constituinte nominal ou índice infixado (IO) e/ou sufixado (Isuf) ao verbo. Na unidade frásica, o objeto (O) ocupa a posição pós-verbal.

Depois dos objetos, existem, de fato, várias circunstantes (complementos circunstanciais) obtidas quer pela inserção dos quase-nominais na frase, quer por intermédio de um advérbio, várias vezes, posposto ao verbo, quer pelas classes locativas em função de preposições. A seguir alguns exemplos de circunstantes: (1) *Circunstante de tempo*: Ex.: -Kanike namono inanthu **lelo**. “A criança viu o seu tio hoje”; (2) *Circunstante de modo*: Ex.: -Mukwendje walya **vwasivwasi** “O jovem comeu rapidamente”; (3) *Circunstante de companhia ou comitativo*: Ex.: Kanike wakala kwenda /na kazila kéendi/ “A criança deambulava com o seu pássaro”; (4) *Circunstante de instrumento*: Ex.: Tata natihi linoka /**na** citi/ “O meu pai matou uma serpente com um pau”; (5) *Circunstante de lugar*: Ex.: Likisikisi wakovela /mu indjivo/ “O monstro entrou em casa”.

Importa observar que as circunstantes todas são intermediadas por uma partícula /ku, na, mu, ao, etc/ ou por um advérbio e preposição em relação ao verbo.

Quanto às frases complexas, o autor de Morfologia e Sintaxe do Ngangela aponta dois tipos: as frases coordenadas e subordinadas. Foi com grande realce que trata das subordinadas em relação às coordenadas. As subordinadas são as mais complexas e, por isso, distinguem-se entre elas: (1) *Subordinadas completivas*: Ex.: Vanike vawana cimbangu cinasulu lípungu “As crianças encontram o cesto cheio de milho”; (2) *Subordinadas temporais*: Ex.: Mo vatúmama likisikisi wéendja. “Ao sentarem, o monstro chegou”. (3) *Subordinada com valor condicional*: Ex.: **Imba** kulima vikwama vyama vya litemo. “Se quiser cultivar, use ou trabalhe com a enxada”. (As subordinadas condicionais em Ngangela são introduzidas pelo morfema **imba** “se” que veicula um valor condicional ou hipotético; todavia, este morfema em alguns contextos encontra-se destacado à esquerda da principal); (4) *Subordinada com valor final*: Ex.: Vanike vatambula ndóombe. “As crianças receberam um bagre”; (5) *Subordinada com valor causal “nkhole”*: Ex.: Vika kanike akulila **nkhole** ise akumuveta. “A criança está a chorar porque o seu pai a bateu”;

(6) *Subordinada com valor concessivo*, recorre ao morfema **yasa** “**mesmo se**”: Ex.: Tukaya ku injivo ya kulilongesa **yasa** ikunoka. “Iremos à escola mesmo se chover”; (7) *Subordinada com valor consecutivo*: Utiliza o morfema **ngeci** de maneira. Ex.: Nakala kunoka **ngeci** kotwile ku indjivo ya kulilongesa. “Está a chover de maneira que não fomos à escola”.

De igual modo, Ntongo é mais preciso na determinação do tipo da frase interrogativa: com marcador e sem marcador interrogativo:

Quadro 4: Frase interrogativa

Sem o marcador	Com marcador (com morfema ndi, kuli, vika, iya)
Mwakalanda “ <i>Compraste</i> ”	Ulikwindja ndi ? “ <i>Vens?</i> ”
Mwakalanda? “ <i>Compraste?</i> ”	Kuli ali katali? Wata. “ <i>Onde esta o cão? morreu.</i> ”
	Vika munendja “ <i>por que viste?</i> ”
	Iya néendjia? “ <i>Quem chegou?</i> ”

Fonte: Dados da pesquisa

Esta parte do estudo consagra a abordagem sobre as vozes verbais, mormente a ativa, a passiva, a reflexiva, a recíproca e a média. Termina-a incluindo a relativização. Sobre as vozes: (1) *Activa*: Ex.: Vanalimi lihya lyóose “Cultivaram toda a lavra”. (2) *Passiva*: Ex.: Lihya lyóose **vanalilimi** “Toda a lavra foi cultivada por eles”. (3) *Reflexiva*. Ex.: Kaniké akulikúsá mu ndóonga “A criança lava-se no rio” (aparece nas construções onde o sujeito é simultaneamente agente e paciente). (3) *Recíproca*: Ex.: Maswalali na vipaka vekulitonda. “Os policiais e os gatunos procuram-se”. (4) *Média*: Ex.: Imphwevo ya ndala walivyana kutambula íse yéendi. “A mulher de Ndala recusa-se a receber o seu sogro”.

Constata-se, então, que o Ngangela utiliza para o reflexivo, recíproco e médio um morfema único **-li-**. Este morfema coloca-se entre o índice do sujeito, na ausência do morfema formativo, e o radical. O índice de objeto exclui a presença concomitante dos morfemas reflexivo e recíproco. O livro termina com o estudo do advérbio representando as classes invariáveis, porém, com uma abordagem insuficiente para tirar as lições convenientes do comportamento sintático.

Em guisa de linhas finais, o livro de Morfologia e Sintaxe do Ngangela traz importantíssima visão linguística no tratamento das classes morfológicas e do funcionamento sintático de substantivos aos verbos. De modo global, o livro interessa a

todos aqueles que se prezem de estudar as línguas Bantu em geral, de modo particular as línguas da zona k. Um excelente material quer para os principiantes na descrição das línguas Bantu de Angola quer para os pesquisadores conceituados. Encontra-se a análise detalhada do substantivo, do verbo, dos pronomes e determinantes, verbo, as frases simples e complexas, assim como as funções sintáticas do substantivo e do verbo, incluindo as vozes verbais.

Este resumo inscreve-se no sentido de ajudar aqueles que nunca tiveram contacto com esse livro no sentido de, também, reviverem a sua importância, pois o livro nunca foi reeditado e está desaparecido das prateleiras de muitas bibliotecas (locais, regionais e internacionais). Deste fato, mais do que um pedido, é urgente a sua reedição que poderá contemplar o aprofundamento de alguns assuntos como pretexto a mais do que sua necessidade.

Referência:

NTONDO, Zavoni. **Morfologia e sintaxe do ngangela**. Luanda: Nzila Editorial, 2006.



Recebido em:11/04/2021

Aceito em: 30/04/2021

Para citar este texto (ABNT): SASUCO, Daniel Peres. Resenha sobre o livro “Morfologia e Sintaxe do Ngangela” de Zavoni Ntondo (2006). **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA). v.1, nº 1, p.266-277, jan./jun. 2021.

Para citar este texto (APA): Sasuco, Daniel Peres (2021, jan./jun.). Resenha sobre o livro “Morfologia e Sintaxe do Ngangela” de Zavoni Ntondo (2006). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA). 1(1): 266-277.

Capa do livro

